

BIRIKI

“Birico

(bi.ri.co)

sm

1 Lasca da pedra. 2 Quando é vendida a pedra, as pessoas a partilham em pequenas porções para consumirem ou venderem. 3 Solidariedade entre artistas de condições sociais diferentes - dormindo na calçada ou no conforto de casa para fortalecer projetos na Cracolândia.”

Birico é a união de 43 artistas convivendo com o Território da Cracolândia em São Paulo.

Coletividade plural que surge no contexto pandêmico de 2020 em forma de rede solidária, realizando a venda de obras de arte impressas com o objetivo de arrecadar recursos para subsidiar e instrumentalizar pessoas que vivem na região da Boca do Lixo - abandonadas pelo poder público -, enquanto gera renda emergencial para xs artistas, estejam elxs nas mais variadas situações de estrutura socioeconômica.

Birico faz diversas ações como auxílio moradia, distribuição de insumos (máscaras e piteiras) e contribuiu para a construção do ateliê e sede do Coletivo Tem Sentimento.

Sua próxima ação será a Escola Livre de Arte, a partir da construção de um laboratório gráfico que proporcionará formação e capacitação para artistas do Território, com cursos de impressão, serigrafia e História da Arte.

Nós no Território

A formação de Birico só foi possível pelos laços de confiança e parceria estabelecidos nas contínuas ações executadas desde 2008, sejam estas de afeto, carinho e reconhecimento humano, seja com o uso da prática artística urbana como protesto ou como instrumento para o cuidado do próximo. Os participantes de Birico foram forjados na mistura entre artistas, psicólogos, médicos, assistentes sociais, enfermeiras, população em vulnerabilidade e em situação de rua, e enxergaram um Brasil que não deu certo - do ponto de vista da igualdade - em confronto com um projeto institucional de Brasil que deu certo - do ponto de vista da dominação e concentração de renda para a exclusão. Em 2013 incorporou-se ao vocabulário a expressão “Redução de Danos”, a partir do surgimento de dois projetos, Oficinas e Casa Rodante, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos do Município de São Paulo e integrantes do programa De Braços Abertos.

Dentro deste espaço de conflitos de interesses políticos, imobiliários, financeiros, criminosos, as artes estiveram presentes como horizonte de reflexão e aliadas à expressividade oriunda do lado mais frágil da corda - uma população na sua maioria pobre e preta, desterrada, desfilada, descartada, mas objeto de uso de interesses outros. A arte humana, que reconhece primeiro a pessoa que está atrás do rótulo, que veio antes do cachimbo, do Corote ou da

barraca de lona na calçada; das famílias que habitam seus minúsculos quatinhos subdivididos nas imensas casas que um dia foram de Barões do Café, no garboso passado dos Campos Elíseos.

Território este, de fluxo intenso, com sua origem de porto seco, entre trilhos e rodovias, que recebeu muito mais da metade do Brasil, chegada por aqui em tempos passados, que carrega herança de cais do porto, entre a prostituição e a boemia de passantes e não-residentes.

Território de ocupações de moradia, com lideranças femininas que preencheram o vazio deixado pelo desmonte dos transportes e sucateamento do comércio.

Território do lixo tecnológico e do luxo da informatização popular.

Território do Crack e da Craco Resiste.

Território da sombra do cárcere, do maior contingente de policiais por metro quadrado do estado mais rico do Brasil, com seus quartéis em torno da feira livre de substâncias ilícitas.

Território da Boca do Luxo e do Lixo, do Pagode na Lata, do Bloclândia, do Teatro Maldito, da Cinelândia de outrora.

Território onde o Birico ganhou régua e compasso.

Birico - a exposição

Abordar, através da pluralidade estética de integrantes de Birico, o estar-presente no Território da Cracolândia, em ações continuadas nos últimos 13 anos de convívio e aprendizado neste espaço de conflito. Traduzidos em obras que desmancham os limites individuais, na necessidade de uma resposta coletiva para problemas sociais coletivos. As obras expostas trazem memórias vividas e compartilhadas no Território, reconhecendo a vizinhança de artistas e coletivos, aliados à população local. Optou-se por apresentar trabalhos que sejam construídos a partir de linguagens visuais que já fazem parte do repertório imagético e da malha cultural da Cracolândia.

OBRAV

Bandeirão



A obra estará no vão interno da unidade, como boas-vindas da exposição.

Uma bandeira como símbolo de luta, como imagem de pertencimento, união, sonho e construção.

Obra de tapeçaria no formato de 12 m x 8 m, confeccionada pelo Coletivo Tem Sentimento*, com provocação de Maré de Matos*, ampliando a voz da população trans, cuja permanência no centro de São Paulo é histórica. O trabalho em conjunto com a artista mineira - integrante de Birico - propõe construir uma frase sobre esta tapeçaria que signifique este coletivo e sua existência no Território.

Painel de Lambes

Este painel remete à absorção afetiva da poesia de muro pela população da Boca do Lixo, que faz dele uma plataforma de literatura urbana.

Serão dois painéis distintos: um fac-símile do mural feito em homenagem ao rapper e ativista de Direitos Humanos, integrante de Birico, MC Kawex* - que, infelizmente, faleceu em março de 2021 - e que está na sede do Teatro de Contêiner Mungunzá.

Aproximadamente 3,5 m X 6 m

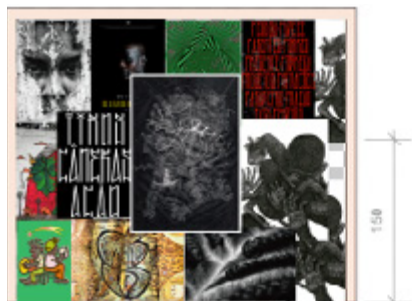
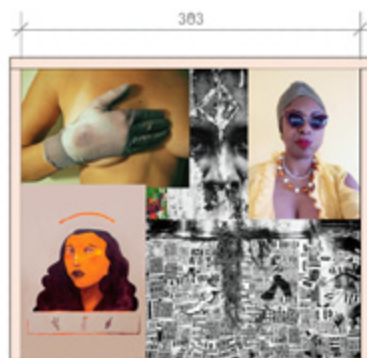


- Parede 2 do lado esquerdo do Trecho B

O segundo painel é um conjunto que ocupa os painéis expositivos da unidade (painéis de 1 a 9) formando um mosaico com a reprodução dos 100 trabalhos dos artistas que integraram as duas edições de Birico.

5 Painéis de aproximadamente 3 m x 3 m

2 painéis de aproximadamente 6 m x 3 m



- Painéis 6, 7, 1, 2 e 3, escala 1_50

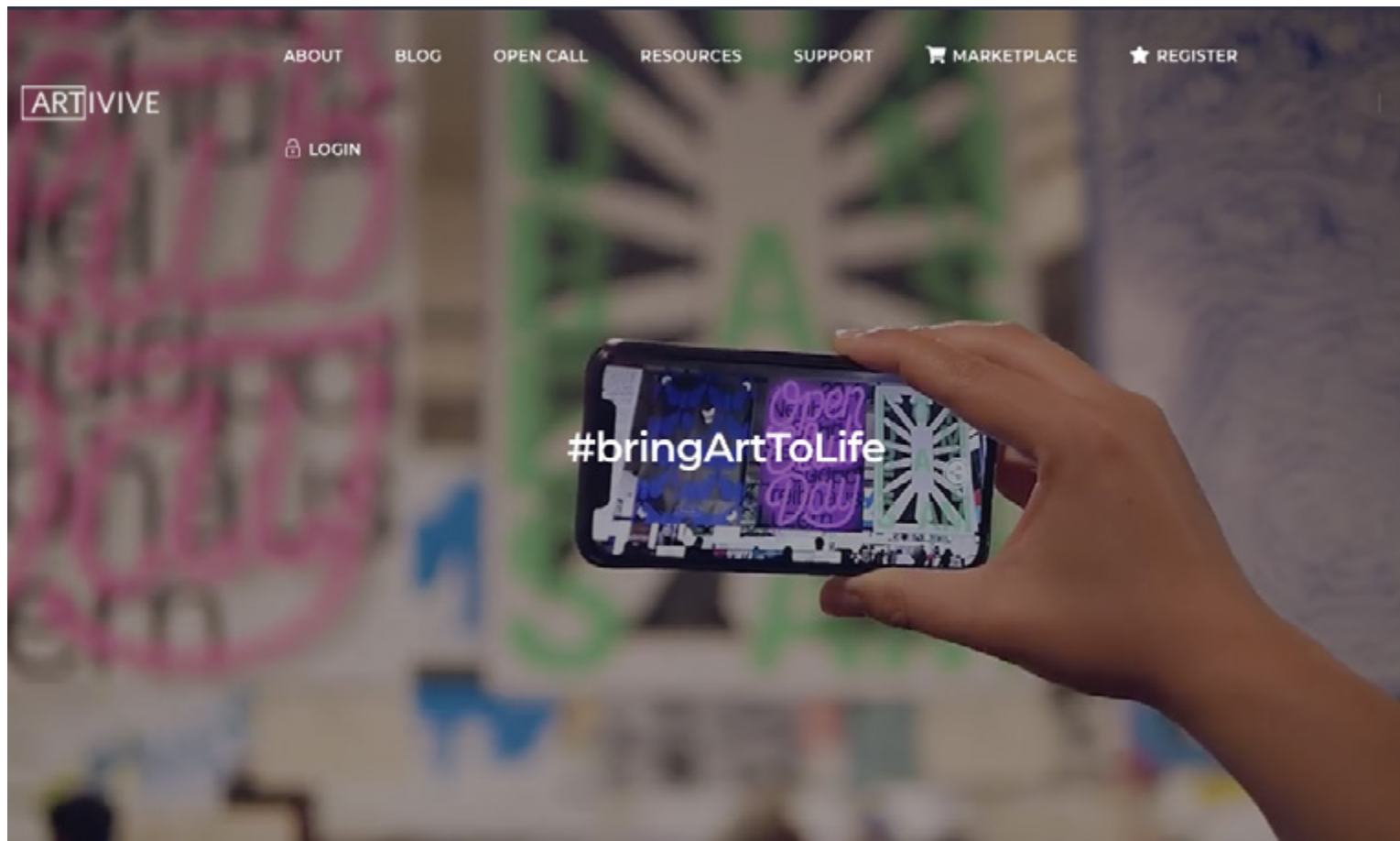


- Painel 8 e 9, escala 1_50

Realidade Aumentada

Integradas ao painel de lambes, faremos uma conectividade transmídia.

Haverá instruções na entrada para que o espectador conecte à rede do Sesc (necessário haver wifi disponível), baixar o App ARTVIVE, e usá-lo como ampliação da experiência expositiva.



- Mais informações sobre essa plataforma em: <https://artivive.com/>

Obras originais

Obras produzidas a partir da experiência de conviver na Cracolândia e que se transformaram em prints nas duas edições de Birico.

Serão exibidos trabalhos de Cicero Rodrigues, conhecido como “Índio Badarros”*; do poeta e artista visual Cleiton Ferreira “Dentinho”*, entre outros artistas do Território.



- Obras de Julio Dojcsar, Badarros e Ananda Giuliani expostas na Parede 3 como indicado no mapa expográfico.



- Obras de Dentinho e Yori expostas na Parede 3 como indicado no mapa expografico.

Varal de camisetas

As camisetas são um importante meio de comunicação e identificação para os diversos grupos atuantes no Território, no presente e no passado. Neste varal, um panorama de diversos momentos e estratégias simbolicamente traduzidas nestas camisetas, usadas em ações ao longo dos anos de resistência e permanência.

Serão apresentadas as camisetas dos coletivos Pagode na Lata*, Craco Resiste*, Tem sentimento, Teto Trampo Tratamento*, Casa Rodante*, bem como os abadá's do bloco de carnaval Blocolândia*.



- Parede 2 do lado direito do Trecho B

Cronologia do cachimbo

Os insumos para consumo de drogas reúnem elementos culturais e estratégias para redução de danos. O cachimbo, como objeto incômodo, é capaz de abrir centenas de perguntas sem resposta. É carregado de interesses por quem usa e é usado.

Em uma vitrine horizontal serão apresentados os diversos modelos de cachimbo usados para consumo de Crack, desde os fabricados manualmente até os fornecidos por ONGs e instituições de Saúde, apresentando um panorama do consumo deste psicoativo na cidade de São Paulo desde meados dos anos 1990. Esta obra é talvez a parte mais nevrálgica da exposição, pois é um passo educativo na redução do preconceito, aumento do acolhimento aos usuários e apontamento de caminhos que nos integrem e construam humanidade. Esta cronologia será acompanhada de um texto explicativo da ONG É de Lei*.

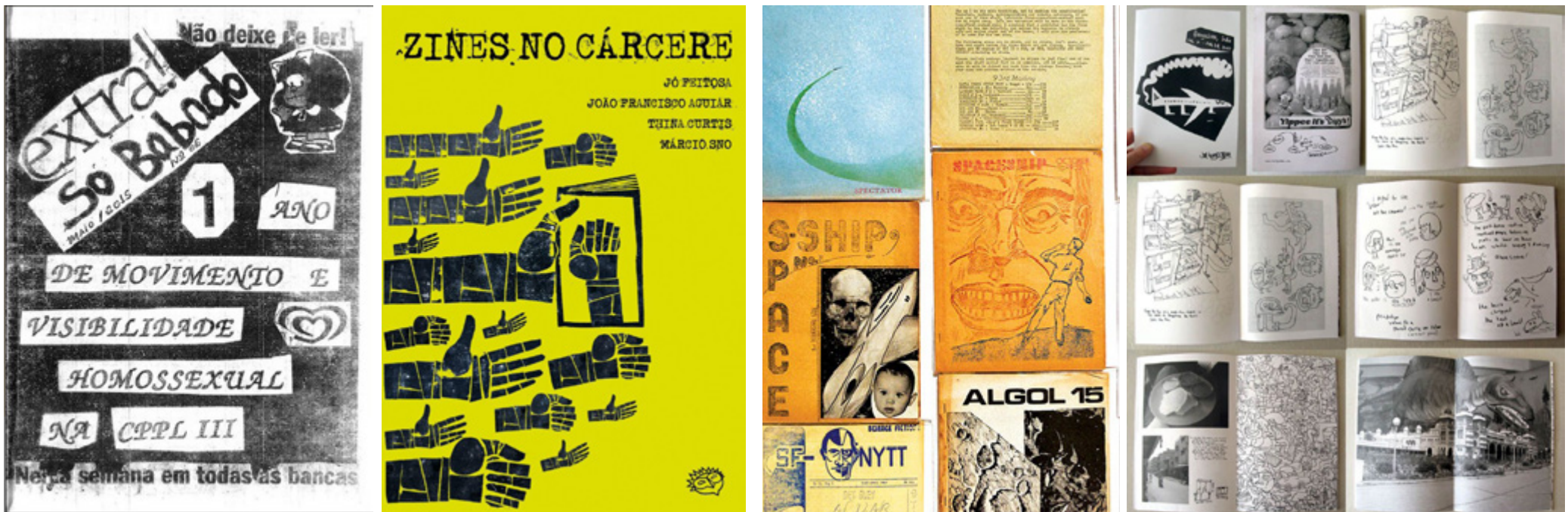


Glossário da Boca do Lixo - Publicação impressa

Um livreto com registro da linguagem dinâmica da rua.

Léxico de expressões que compõem a linguagem coloquial na Cracolândia, que foram coletados pelo grupo e apresenta um recorte cultural da Boca do Lixo. Será editado em verbetes, impresso em um formato de zine com linguagem visual de xerox e oferecido ao público visitante da exposição e em ações no Território.

No formato de 10 cm de largura x 15 cm de altura, com capa dura de papel kraft, e 50 folhas em papel branco sulfite, impressão 1x1 cor, contendo 70 verbetes coletados na Boca do Lixo, ilustrações do artista Frederico Filippi, além dos textos de apresentação de Birico e do Sesc, ficha técnica, texto de serviço e programação da exposição.



- Exemplos gráficos, para mais informações sobre esse trabalho consulte o apêndice.

Cartografia

A cartografia do Território, compara caminhos e existências que se sobrepõem pelo uso da cidade.

Apresentaremos uma cartografia afetiva da Boca do Lixo, contendo os nomes populares dos logradouros que serão mapeados (como por exemplo: Praça do Cachimbo, Fluxo, Praça do Cavalo, etc) que será usada como instrumento de introdução do público ao Território. Esta pesquisa cartográfica será levantada junto a comunidade, coordenada pelo artista Alúzio Marino* e por Birico. Contará com pontos de referência para uso de Qr Codes, transportando o público para um “hyper-lugar” no qual poderá se deparar com registros audiovisuais produzidos pelo grupo no último ano.

O mapa será impresso em vinil adesivo e fixado no piso do espaço expositivo. Contará com pontos de referência para uso de Qr Codes, transportando o público para um “hyper-lugar” no qual poderá se deparar com as obras audiovisuais que o grupo produziu no último ano.



- Mapa das “Bocas de Rango” desenvolvido pelo artista Alúzio Marino

EDUCATIVO

Diálogo com o público

Medidas dos programas de atendimento aos usuários de Crack, álcool e à população em situação de vulnerabilidade foram tomadas pelo poder público há, pelo menos, duas décadas. Algumas ajudaram a construir muros que agravaram o confinamento e a exclusão desta população. Os excessos da guerra às drogas geram um estigma que só faz aumentar o preconceito, a desinformação, o medo, a repúdia e o horror.

Como lidar com a realidade?

Não temos a resposta, mas sabemos que um dos caminhos é não escondê-la. Se faz urgente construir pontes de informação para sobrepor os muros de isolamento.

Educativo proposto do Território

Um anfitrião do Território para o agendamento e visitas guiadas com o público do Bairro e pessoas interessadas.

Além de oferecer conversas com o educativo do Sesc.

Encontros para reflexão

No período de exposição, pensamos em efetuar encontros on-line para ampliar o pensamento sobre os temas, sempre mediadas por integrantes do grupo e por convidados.

Os temas serão:

O que é Crack - A cracolândia na Luz

O que é redução de danos

Arte no Território - Uma perspectiva Decolonial

Site

Em tempos pandêmicos, construir uma interação entre plataformas digitais e a exposição presencial é fundamental, pois garante o desenvolvimento de uma linguagem híbrida, com aberturas presenciais, seguindo os protocolos públicos, ao mesmo tempo que cria outros meios de acesso.

O site será um território digital no qual é possível acrescentar-se, não só o registro do conteúdo físico da exposição, como memórias fotográficas e vídeos de acervo do grupo e de coletivos aliados - uma videoteca de produções que tiveram como argumento disparador a Cracolândia -, além de conteúdos educativos sobre os temas abordados na exposição.

Durante o período expositivo, serão oferecidas por esse canal digital visitas 360° online e comentadas, experiências com realidade aumentada e conversas com convidados.

Será empreendida uma campanha de ativação digital com o tema “isto é um cachimbo”, na qual o público interpretará livremente o título, fotografando e adicionando suas imagens na galeria do Instagram @birico.arte.

Estas propostas complementam as ações educativas da exposição. Posteriormente, este site continuará ativo, proporcionando a Birico a possibilidade de continuar com suas ações online.

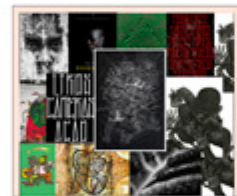
MAPA EXOGRAFICO



parede 2
escala 1,50



parede 1
escala 1,50



painel 1
escala 1,50



painel 2
escala 1,50



painel 3
escala 1,50

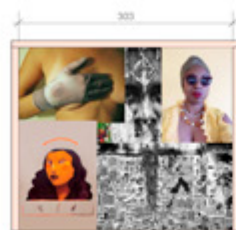


painel 4
escala 1,50

painel 5
escala 1,50



painel 6
escala 1,50



painel 7
escala 1,50



painel 8
escala 1,50

painel 9
escala 1,50



painel 10
escala 1,50



parede 3
escala 1,50

APÊNDICE

Extrato de pesquisa para Glossário

Até o momento, a pesquisa para este trabalho coletou mais de 70 verbetes, abaixo seguem listados alguns deles:

Fluxo

sub. masc.

- 1 Nome pelo qual principalmente os frequentadores chamam a Cracolândia
- 2 Aproveitou-se do termo flluxo de pessoas para que justamente fora da Boca quando se quisesse mencionar o lugar não se usasse o termo Cracolândia.
- 3 Termo fluxo é originalmente usado em bailes funk sobre as festas de rua.

Aí comé que tá o fluxo??

Casarão

substantivo masculino

- 1 Guarda-chuva de tamanho grande.

Boravê

substantivo masculino

- 1 Vai rolar
- 2 Sinônimo de tomar atitude
- 3 Antigamente uma forma de chamar para briga

Radiado

adjetivo

- 1 Pessoa com que está usando há muito tempo seguido; no auge do seu uso
- 2 Pessoa que está chapada
- 3 Pessoa que fica falando demais; pesando nas ideia; arrastando o rolê
“lae maluco, sai dessa rua escura, já tá radiando!”

Torro

sub. Masc.

- 1 Aquele ou aquela que está ou aparenta estar com grande quantia em dinheiro
“Ali é o torro!”

Fuja Loko

substantivo masculino

- 1 Termo com diversas significações e aplicações. Para que o sujeito saia, para expressar raiva, para demonstrar alegria, para demonstrar que o sujeito tá com grana e/ou sem grana.
- 2 Fuga. Termo usado para perrekar o ambiente

O Birico e suas ações no Território

Desde sua formação, Birico propõe a busca por autonomia, gerando renda aos seus integrantes com a venda de obras de arte. Pretende também fortalecer a comunidade artística local através de ações de cuidado e acolhimento.

As seguintes atividades são desenvolvidas continuamente pelo grupo:

HOUSING FIRST - custeio de aluguel social para algumas pessoas em situação de vulnerabilidade que habitam o território e são parceiras das ações do Birico.

BIRICAR - Ações de distribuição de insumos, máscaras, alimentos, água e afeto, realizadas com o apoio de um carro manual (modelo de vendedor de doces). (ações quinzenais)

PAGODE NA LATA - tradicional roda de samba, criadora de vínculos e propicia a redução de danos pelo reconhecimento e pertencimento a uma comunidade. (ações semanais)

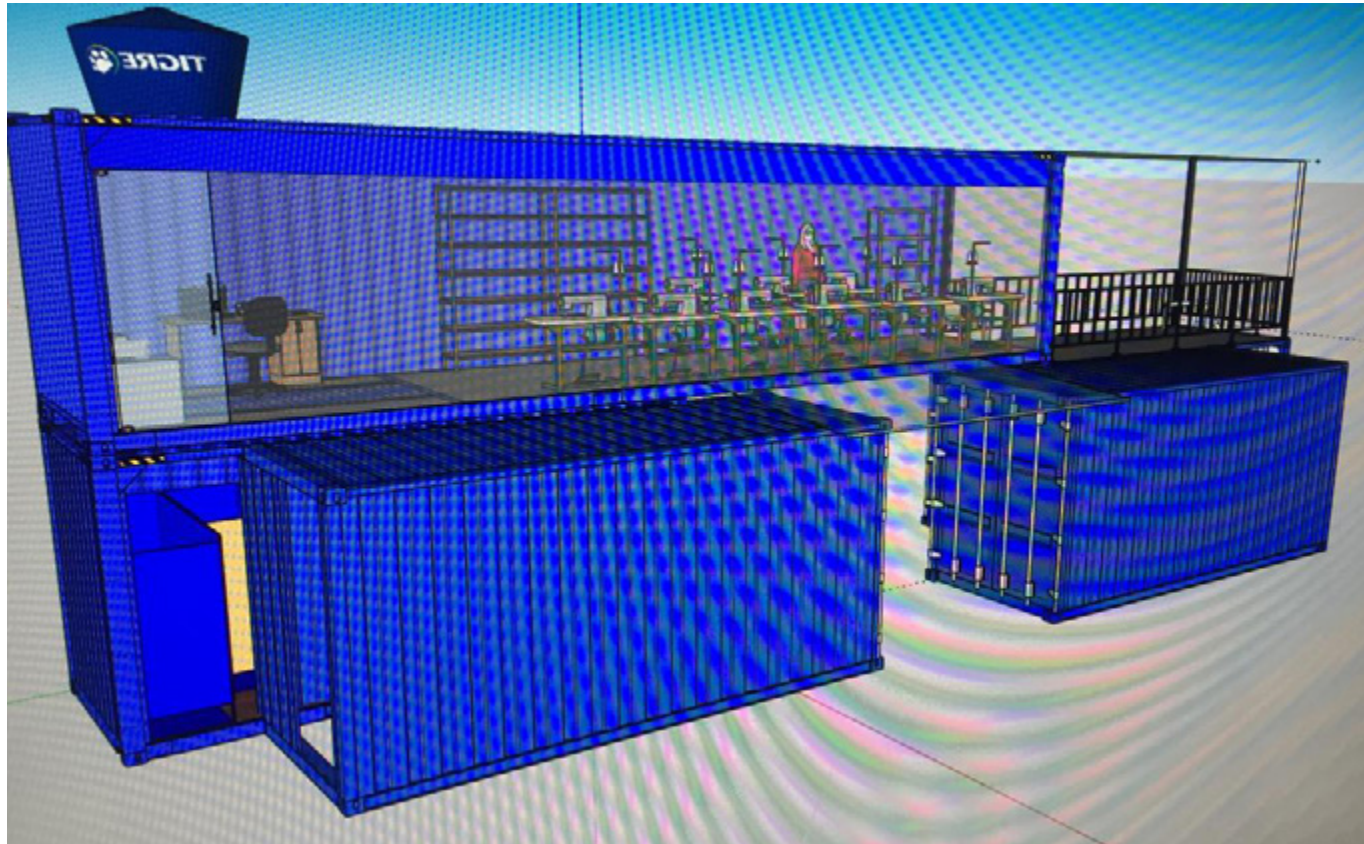
Além das ações descritas anteriormente, com parte da receita adquirida em sua primeira campanha, Birico participou ativamente da construção da oficina de costura do coletivo Tem Sentimento.



- Housing First.

Em 2021, Birico criará a Escola Livre de Arte, composta por um laboratório gráfico, ambiente de estudo e Biblioteca Decolonial, que proporcionará formação e capacitação para os artistas do Território, com cursos de impressão, serigrafia e História da Arte.

Encaramos a construção desta exposição em parceria com o Sesc, com dois caminhos: o primeiro dar continuidade estrutural para ações no território com o investimento de parte do cachê artístico em instalações para a Escola e continuidade de ações em curso, ampliar o diálogo com a sociedade através da arte e registrar historicamente este momento .



- Projeto de construção da Escola Livre de Arte.

Parceirxs

É de Lei

O Centro de Convivência É de Lei é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua desde 1998 na promoção da redução de riscos e danos, sociais e à saúde, associados à política de drogas. Com o propósito de promover a perspectiva ética do cuidado no campo das drogas, ampliando a possibilidade de escolha das pessoas, desconstruindo preconceitos, e incentivando uma cultura garantidora de direitos e diferenças.

Coletivo Tem Sentimento

Organizadas em um coletivo que propõe o acolhimento, o reconhecimento e a valorização destas mulheres trans, o Tem Sentimento, fruto da insistência no atendimento a esta população trans em situação de vulnerabilidade pela assistente social Carmem Lopes, se transformou em uma cooperativa de costura, hoje residente ao lado do teatro de Container na Luz.

Craco Resiste

A craco Resiste é um coletivo autônomo que atua desde dezembro de 2016 contra a violência policial na região da Cracolândia, no centro de São Paulo. Foi construído por militantes, pessoas que vivem, frequentam e trabalham nessa parte da cidade para se opor às ações da prefeitura e do governo do estado que buscam expulsar a população mais pobre do bairros da luz, Campos Elíseos, Bom Retiro e Santa Ifigênia.

<https://naoeconfronto.weebly.com/>

Teatro de Contêiner Munguzá

Em 2016, um grupo de sete artistas e educadores (Cia Munguzá de Teatro) construíram um polo cultural construído com 11 contêineres, na região central de São Paulo/Santa Ifigênia. Um espaço onde se encontrassem caminhos alternativos no âmbito arquitetônico (arquitetura moderna/sustentável), urbanístico (democratização do acesso à cultura – não sendo “ponta de lança” da gentrificação em áreas onde a especulação imobiliária repousa seu olhar) e de atividades socioculturais .

Blocolândia

Blocolândia é o bloco de carnaval do território conhecido como cracolândia. Foi fundado em 2014 na junção de ativistas, trabalhadores, usuários e moradores da região e tem como objetivo mostrar que a cracolândia tem muito mais assuntos do que o crack, o bloco pretende assim desestigmatizar os usuários a partir da música.

O cortejo do bloco passa em frente a todas as instituições culturais do território com o objetivo de mostrar a cultura da rua (cultura essa não aceita por tais instituições)

Aluízio Martino

Aluízio Marino é mestre e doutorando em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC. Especialista em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC). Bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo (USP). Compõe a equipe de pesquisadores do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (LabCidade - FAU USP).

Artistas Birqeirxs

Xs seguintes artistas e coletivos fazem parte de Birico:

ALBERTO PEREIRA

Artista urbano, articulador, comunicador e realizador nascido no Rio de Janeiro e criado entre Niterói, Rio de Janeiro, Brasília e Angra dos Reis. Teve seu trabalho apresentado em exposições individuais, coletivas, festivais de arte digital, urbana, chamadas públicas independentes e salões de arte contemporânea em países como Argentina, Brasil, Egito, França, Itália e Líbano. Em 2016 criou a rede Lambes Brasil, focada na divulgação, valorização e produção de eventos e oportunidades aos artistas de rua produtores de lambe-lambe (cartazes urbanos) em território nacional. A rede co-produziu eventos na Argentina, Brasil, Egito, Líbano além de promover iniciativas independentes em Manaus, Goiânia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

ALINE MOTTA

Nasceu em Niterói (RJ), vive e trabalha em São Paulo. É bacharel em Comunicação Social pela UFRJ e pós-graduada em Cinema pela The New School University (NY). Combina diferentes técnicas e práticas artísticas, mesclando fotografia, vídeo, instalação, performances, arte sonora, colagem, impressos e materiais têxteis. Sua investigação busca revelar outras corporalidades, criar sentido, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência. Foi contemplada com o Programa Rumos Itaú Cultural 2015/2016, com a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles 2018 e com o 7º Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça 2019. Recentemente participou de exposições importantes como "Histórias Feministas" - MASP, "Histórias Afro-Atlânticas" - MASP/Tomie Ohtake e "O Rio dos Navegantes" - Museu de Arte do Rio/MAR.

ANANDA GIULIANI

Nascida em 1991, em Brasília. Bacharela em artes plásticas pela Universidade de Brasília desde 2014, investigou o espaço como corpo de embate através de instalações, site specific e vídeo-performances. Atualmente reside em São Paulo onde pesquisa procedimentos artísticos na discussão do direito à cidade.

Foi contemplada com o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2014, participou do Salão Anapolino de Arte e exposições no Museu Nacional da República, Casa da Cultura da América Latina, Galeria Alfinete, Espaço Piloto em Brasília e no Espaço Breu em São Paulo. Entre 2017 e 2019 atuou como assistente de iluminação com Guilherme Bonfanti, Mirella Brandi e Camille Laurent e hoje participa como artista na Ocupação MUDA e do projeto 40 Antenas na Casa de Cultura da América Latina e Decurators galeria em Brasília.

BADAROSS

Badaross ou Índio Badaross, natural de Juazeiro/BA, é morador da região conhecida como Cracolândia. Desenvolve pinturas e performances a partir de tinta e suportes encontrados na rua enquanto exerce sua profissão de catador de material reciclável.

Vai colocando na sua carroça o material reciclável, e materiais que acredita que serão bons suportes para suas pinturas, o que não impede que o artista pense o seu próprio corpo como pintura.

Seus trabalhos são a expressão da rua, e de tudo que ela dá e tira, com palavras e rostos que beiram ao abstrato Badaross vai construindo uma identidade facilmente reconhecível em seu trabalho que vai deixando por onde passa.

O artista já participou de exposições coletivas e individuais no Centro Cultural São Paulo, Oficina Cultural Oswald de Andrade, Teatro de Contêiner, entre outros.

CLEVERSON I. SALVARO

A poética de C.L. Salvaro se conforma a partir de sua reação à estímulos externos provocados por espaços, nos quais desenvolve trabalhos site specific, ou objetos, que se apropria e ressignifica, sempre considerando seus diferentes contextos para tratar de assuntos como a impermanência, a decadência e o resíduo, todos parte de um vocabulário da ruína urbana.

C.L. Salvaro é formado em Educação Artística pela Faculdade de Artes do Paraná (2001), com Mestrado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2010). Entre as exposições individuais estão: eira alheia, Central Galeria, (São Paulo, SP, 2018); vazamentos, contenções, Orlando Lemos Galeria, (Nova Lima MG, 2016); Ybakatu Espaço de Arte (Curitiba, PR, 2007) e CCSP - Centro Cultural São Paulo (São Paulo SP, 2005)

COLETIVO TRANSVERSO

O Coletivo Transverso foi criado em 2011 com a proposta de inscrever poemas autorais no espaço público a partir de técnicas de arte urbana como stencil, lambe-lambe, projeção luminosa, performance e jardinagem de guerrilha. Desde então, realizamos uma pesquisa prática sobre palavra e cidade: como o poema muda o sentido do caminho e tem de volta seus sentidos transformados. Entre 2014 e 2016, participamos do Casa Rodante, projeto artístico e de vizinhança itinerante realizado na Cracolândia de São Paulo. Com frequência, (sem pandemia), oferecemos cursos de arte urbana, poesia e resistência em centros culturais como SESC, CCBB, escolas e unidades de internação de menores em conflito com a lei. Nosso livro Atenção: isso pode ser um poema (2018), apresenta uma seleção das intervenções poéticas que realizamos pelo Brasil e outros países, e pode ser baixado gratuitamente pela página www.coletivotransverso.com.br. O Coletivo Transverso é formado por Cauê Maia, Patrícia Bagniewski, Patrícia del Rey e Rebeca Damian, com sedes em Brasília e São Paulo, além de milhares de colaboradores, parceiros e aliados ao redor do mundo.

DANIEL MELLO

Daniel Mello é jornalista formado pelo Uniceub-DF e cinegrafista pelo Senac-SP. Fez especialização em fotografia e práticas poéticas pela Faap-SP. Trabalha como repórter desde 2009, onde cobre temas relacionados a políticas públicas e direitos humanos. Em 2015, estreou como co-diretor e co-produtor do documentário USP 7%, sobre o racismo estrutural e a luta por cotas na Universidade de São Paulo. O filme recebeu o prêmio de aquisição do Canal Brasil no Cine Ceará. Faz parte do coletivo A Craco Resiste que atua contra a violência institucional na região da Cracolândia, no centro de São Paulo. Em 2019, lançou, pela Editora Elefante, o livro Gargalhando Vitória – poemas da Cracolândia.

DENTINHO

Cleiton Ferreira, ou apenas Dentinho, é artista que usa principalmente de pinturas e objetos para representar elementos da cultura pop.

Frequentou o fluxo da Cracolândia por anos, até ser incluído no Programa de Braços Abertos, onde teve contato mais rotineiro com as práticas de pintura e começou a morar nos Hotéis Sociais - em que vive até hoje.

Militante e defensor dos Direitos Humanos, Dentinho integra os coletivos A Craco Resiste e Paulestinos, além de fazer parte da equipe que pesquisa sobre desigualdade e vulnerabilidade em tempos de COVID 19 da UNIFESP.

DIZ A ELA QUE ME VIU CHORAR

Diz a ela que me viu chorar (2019) é um documentário sobre pessoas, com suas histórias de amor tumultuadas pela vulnerabilidade social e pelo uso abusivo de álcool, crack e outras drogas. Filmado em 2016 durante intensa imersão no território conhecido como Cracolândia, em São Paulo, o filme acompanha os moradores acolhidos pelo Hotel Social Parque D. Pedro durante o programa “De Braços Abertos”.

EL VALIDADERO / FREDERICO DAZA MARIN

Artista visual, gestor cultural, pesquisador, curador e pedagogo em áreas artísticas e audiovisuais, criador de projetos pedagógicos experimentais dentro do campo das artes visuais, diretor e produtor experimental de videoarte, gestor cultural de festivais de artes visuais.

Criador de espaços independentes de difusão cultural audiovisual experimental e artística na cidade de Bogotá. Desde 2001 em coletivo e individualmente seu trabalho nas artes, no audiovisual e na área de curadoria tem sido exposto em diversos festivais, galerias, museus e instituições na Colômbia, América Latina, Estados Unidos, Europa e Ásia. Com a umallikuy.tv, La Decanatura e El Validadero Artístico tem desenvolvido um trabalho importante de gestão nacional e internacional. Validadero Artístico Internacional (Colômbia) é um projeto pedagógico experimental para as práticas artísticas e suas relações sociais que desde seu início em 2015 tem desenvolvido ininterruptamente nove programas pedagógicos, laboratórios, pesquisas e realizado projetos de circulação como mostras, exposições e deste modo aproximando artistas, curadores e diferentes agentes do campo das artes.

FÁBIO RODRIGUES

Fábio Rodrigues é poeta e sambista, maloqueiro de rua, morou na Cracolândia e frequentou serviços de assistência social de 2014 a 2018, quando começou a usar a poesia como uma estratégia de reduzir seu uso, e transformar em renda.

As poesias de Fábio retratam sua realidade e a da sua comunidade, a opressão do Estado, da precarização das políticas públicas e como isso afeta o corpo do maloqueiro. Participa ativamente como aluno ouvinte do Diversitas (pós-graduação da USP) e do coletivo “A Craco Resiste”. Tem o projeto Parangas Poéticas em que “tráfica” poesias na região da Roosevelt e Vila Madalena. É um dos fundadores do Samba da Santa Cecília e do Pagode na Lata, além de atuar no samba da Rua General Osório e redator da produtora Manguêio Filmes.

FREDERICO FILIPPI

Artista visual. Nascido em São Carlos, 1983. Atualmente vive e trabalha em São Paulo. Mestrando em Artes Visuais na Escola de Comunicação e Artes da USP. Trabalha com mídias variadas, interessado na fronteira e na fricção entre o natural e o construído.

Principais exposições estão as individuais Cobra Criada, (Galeria Athena, 2019), Próprio Impróprio (Galeria Leme, 2016), Fogo na Babilônia (Pivô, 2015), as coletivas Com o ar pesado demais para respirar, curadoria de Lisette Lagnado, Caixa Preta (Fundação Iberê Camargo) curadoria de Fernanda Brenner, Eduardo Sterzi e Verônica Stigger, Bienal de Foto e Vídeo de Brandt (Dinamarca, 2016), Si no todas las armas, los cañones – Matadero Madrid, Até Aqui Tudo Bem (White Cube São Paulo).

Residências e bolsas: Despacio, Costa Rica (2018), PIMASP, Museu de Arte de São Paulo (2016/17), Intervalo Escola, Amazonas (2017), KIOSKO, Bolívia (2015); El Ranchito – Matadero, Madri (2014), 5ª edição da Bolsa Pampulha, Belo Horizonte (2013/14), Centro de Investigaciones Artísticas, Buenos Aires (2013), Ateliê Aberto #6, Casa Tomada (2012) e Red Bull House of Art, SP (2011).

GRUPO MEXA

O grupo MEXA se utiliza de táticas artísticas, principalmente escritura e performance, para defender e promover o encontro da diversidade da população em situação de rua e vulnerabilidade. O grupo se formou em 2015 em ações associadas a alguns centros de acolhida na cidade de São Paulo, sobretudo no bairro do Bom Retiro.

Queremos formular maneiras singulares de fazer as nossas perguntas; não nos interessamos em respostas conclusivas sobre os funcionamentos políticos do mundo.

Precisamos das somas dos nossos cabelos, saltos altos, tosses, cigarros, vírus, das nossas histórias de vida, das nossas vulnerabilidades, para criarmos o que criamos e sermos o que somos juntos. Mas nossas intenções e papéis são muito voláteis e quase nunca chegam a ser um statement ou um processo fixo aplicável em todas as nossas ações e desejos. Somos um grupo de pessoas capazes de provocar, uns nos outros, novas possibilidades narrativas para nossas próprias histórias de vida.

HELEN SALOMÃO

Helen Salomão, 25 anos, original de Salvador- Bahia, morando atualmente em São Paulo - SP.

Se identifica como fotógrafa (documental e retratista), poetisa e atualmente tem se dedicado ao estudo de direção de fotografia.

Apresenta nos seus trabalhos diálogos sobre a humanização, digital na história e protagonismos da população negra. Periferia sem sangue, poesia dos espaços e não padronização dos corpos femininos.

Estudou na escola de arte e tecnologia Oi Kabum, já expôs no museu de arte da Bahia, no museu de arte moderna do Rio e no fowler museum at UCLA (Califórnia).

HIDEKI NOMIES

Trabalha como oficinairo no CAPS ij, em 2016 como educador social no projeto de Braços Abertos no hotel social Pq. Dom Pedro. Desenvolveu oficinas de artes plásticas pelo CE-DECA no centro de acolhida Zaki Narchi e Tenda Luz DBA em 2015. Ministrou oficinas pelo CENPEC para adolescentes na Fundação CASA no projeto Educação com Arte (2011).

ISKOR

Felipe Arantes, vulgo Iskor (São Paulo/SP - 1985), é artista visual e educador. Teve seu primeiro contato com o graffiti em meados dos anos 2000, e segue desde então pelos caminhos da pintura.

Tem duas linhas de pesquisa, uma mais voltada para a linguagem de rua, mais ficcional e outra mais figurativa e política.

Dentre os projetos artísticos de destaque estão: projeto livre para protestar - pintura de empena (projeto contemplado em edital da ong artigo 19 - 2019), pintura de painel na Fundação Cultural Ema Klabin de São Paulo (2019), Projeto selecionado 3o Ocupa Atibaia - Incubadora de Artistas (2016), Participação na pintura do corredor de grafite Av. 23 de maio (2015) e Edital Revivarte - Pintura Lateral de Prédio (2014).

JAICK MC

Jaick MC é um poeta das ruas, cantor e compositor de rap, suas letras falam das mazelas do Estado e da sociedade com os mais excluídos por letras muito pesadas pra fazerem pensar sobre nossa condição.

Jaick é parceiro da Cia. Mungunzá de Teatro e do Teatro de Contêiner, logo, Jaick é um artista do território.

JOÃO LEOCI

João Leoci nasceu e cresceu na Zona Leste de São Paulo. Trabalha com fotografia comercial e editorial há 13 anos. No território da Cracolândia, fotografa há 3 anos ao lado dos coletivos “Tem Sentimento”, da “Craco Resiste” e do “Pagode na Lata”. Com as fotografias do território é motivado pela manutenção da memória coletiva e individual, assim como o ideal dos direitos humanos. O espaço urbano e as transformações físicas e sociais da cidade de São Paulo também estão presentes no seu olhar.

JOH BITTENCOURT

Joh Bittencourt, 31 anos, filha de mãe baiana e de pai mineiro.

Mulher negra e trans, saiu de uma família hetero-normativa e resolveu meter o pé no mundo e viver a sua transição!

Joh alega acreditar no potencial de cada ser vivo dessa terra e acreditar num mundo livre, mas se coloca diretamente contra à violência contra as mulheres.

Hoje Joh vive em São Paulo, é frequentadora do território e integrante do Coletivo Tem Sentimento, onde costura bolsas, máscaras e camisetas.

Além da costura, Joh também é poetisa, e consegue através de sua poesia, ilustrar os aspectos mais difíceis de sua própria história e das mulheres que estão ao seu redor.

JULIANA DOS SANTOS

Artista Visual, mestre em arte/educação e doutora em artes pelo Instituto de Arte da UNESP. É artista visual e arte-educadora com pesquisas em decolonização do ensino de artes no Brasil com foco em arte e cultura afro-brasileira.

Vem realizando trabalhos em vídeo, pintura, performance, fotografia e multimídia. Juliana tem investigado a cor Azul da flor Clitória Ternátea como possibilidade da cor como experiência sensível no processo de expansão dos sentidos.

Sua pesquisa se dá na intersecção entre arte, história e educação com interesse pela maneira como artistas negrxs se engajaram em práticas abstratas para lidar com os limites da representação. Realizou a primeira individual em 2018, como artista/docente convidada na residência artística na Academia de Belas Artes de Viena. Premiada em terceiro lugar no 16 Salão de Artes Visuais de Ubatuba. Esse ano foi selecionada na 12 Abre-Alas da A Gentil Carioca galeria (RJ) está também participando da 12 edição da Bienal do Mercosul.

JULIO DOJCSAR

Julio Dojcsar, 51 anos, grafiteiro e cenógrafo. Desenvolve seu trabalho com base em intervenções urbanas e seus desdobramentos em outras mídias (teatro, vídeo e instalações), buscando provocar o público a responsabilizar-se com a obra de arte, evidenciando questões sobre a apropriação do que é público.

Integrante do Coletivo casadalapa, Frente 3 de Fevereiro e Cia. Treme Terra.

MC KAWEX

MC KAWEX, o rei da boca do lixo foi MC, criado no rap suas letras falam sobre segregação social e sobre a opressão do Estado com a população da Cracolândia, em 2019 gravou sua primeira música “São Paulo à noite”. Faleceu em 2021 em seu quarto e teve os custos de seu sepultamento pagos pelo esforço do seu trabalho como artista.

KELLY REIS

Kelly Reis é mineira, residente em São Paulo há 27 anos, é artista plástica, arte educadora e atuante no graffiti há 5 anos. Iniciou seu primeiro trabalho de arte de rua em 2015 no município de Carapicuíba numa ação em prol dos desaparecidos, juntamente com o Coletivo Olhares Urbanos ao qual virou integrante e o Instituto Ímpar. Essa parceria rendeu diversas ações com intuito de visibilizar não somente a causa dos desaparecidos, mas também para o tráfico de mulheres. Leciona há 9 anos, nesse período criou projetos de contraturno para diversas faixas etárias aproximando jovens e crianças das áreas da animação e do mundo do graffiti, atualmente trabalha na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participou de eventos e festivais de graffiti em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Integrou um grupo de artistas da 1ª Bienal Internacional de Muralización & Arte Vivo no Peru (2019). Seu trabalho fala da expressão da subjetividade, das imagens do inconsciente, das disposições da alma e da espiritualidade no sentido de transformar-se, ouvir-se, conectar-se, integrar-se. Utiliza simbolismos das religiões de matriz africana e oriental, cultura indígena e imagens do inconsciente coletivo, de acordo com a psicologia junguiana. As imagens são inspiradas no surrealismo, no universo onírico.

KIKA CARVALHO

É a partir de um desejo de construção de novas narrativas que se constrói o trabalho de Kika Carvalho, natural de Vitória, Espírito Santo, artista visual e educadora social. Formada em Artes Visuais com Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2009 começou no Graffiti, sendo a primeira mulher de destaque a pintar os muros de Vitória, e uma das responsáveis pela construção dessa cena, com trabalhos que podem ser encontrados em diferentes cidades do país. Hoje, trabalha em diferentes suportes, técnicas e escalas, suas investigações passam por questões do lugar social que ocupa enquanto mulher, negra, bissexual, residente no estado com grandes índices de violência contra mulheres, juventude negra e população LGBTQ+. Têm investigado a cor azul como tecnologia não branca.

LAU GUIMARÃES

Lau Guimarães é roteirista, poeta e artista de rua. Em 2009, criou o projeto Microrroteiros da Cidade – cenas curtas de até 140 caracteres inspiradas no cotidiano e inseridas nas ruas por meio de lambe-lambes coloridos – com a proposta de convidar as pessoas a imaginarem uma história de repente, no meio do caminho. Nos últimos 10 anos, Lau também realizou exposições individuais e coletivas, e murais com diferentes técnicas, como a Exposição Microrroteiros da Cidade na Praça das Artes, o Mural da Escuta, na parede externa do antigo MAC- Usp; o painel de micros e áudios Reconhece sua História de outra mulher, para o SESC na Flip 2018; intervenções em diferentes unidades do SESC, diversos painéis na região central de São Paulo com a Casa Rodante, além da empena de um prédio ao lado da Praça da Sé em colab com a artista Simone Siss para o projeto Tarsila Inspira, em 2020.

MAG MAGRELA

São Paulo/SP, 1985 - Based São Paulo, Brazil

Mag sempre teve contato com as artes. Quando menina, observava seu pai pintando telas e ouvindo discos, mas apenas a partir de 2007, as ruas passaram a servir de base para os desenhos acumulados em seus cadernos. Desde então seus trabalhos se espalham pelas cidades, sobretudo nas ruas de São Paulo, mas também em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Natal, Lisboa, Londres e Nova Iorque.

MARÉ DE MATOS

Governador Valadares, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Mariana de Matos é artista transdisciplinar. Graduiu-se em Artes Visuais na Escola Guignard (2009, UEMG) e pesquisa a contribuição da poesia negra para a decolonialidade, no mestrado em Teoria Literária (2020, UFPE). Exercita o tensionamento entre versão oficial da história e contra-narrativas polifônicas; hegemonia, relações de poder e novos contornos para antigas estruturas. Investiga representação, delírio da modernidade, invenção da diferença, subjetividade, narrativa de si e ferida colonial. Atua em linguagens híbridas, se interessa na emoção como sistema de fruição do mundo e se dedica à fusão entre os campos da imagem e da palavra. Articula trabalhos em pintura, costura, interferências em madeira, poesia expandida, arte relacional, instalações, intervenções poéticas urbanas, auto-publicação, ações performáticas e fotografia. Fundou o selo de poesia expandida Bendito Ofício (2010) e a organização MUNA (mulheres negras nas artes, 2017). Atualmente desenvolve o projeto AS poetas do pajeú, no sertão de Pernambuco.

MÔNICA VENTURA

São Paulo, 1985 - Bacharel em Desenho Industrial pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) - São Paulo, com foco em História da Arte e Design.

Artista visual e designer, atualmente pesquisa filosofias e processos construtivos de arquitetura e artesanato pré coloniais (Continente Africano - Povos Ameríndios - Filosofia Védica). Utiliza essa investigação para a elaboração de práticas artísticas geradas a partir de experiências pessoais. Suas obras falam sobre o feminino e a racialidade em narrativas que buscam analisar a complexidade psico-sócio-cultural da mulher afrodescendente inserida em diferentes contextos.

Sua produção artística leva também o seu corpo a ocupar espaços socialmente interditados.

MUNDANDO

MUNDANO é um artista brasileiro, nascido na cidade de São Paulo e reconhecido internacionalmente por seu graffiti paporeto. Seja no espaço público, em galerias mundo afora, nas palestras que realiza, ou em mais de 320 carroças de catadores e catadoras de materiais recicláveis grafitadas e espalhadas pelas cidades, sua luta é sempre a mesma, trazer visibilidade, amplificando vozes muitas vezes ignoradas pelas ruas.

O grafiteiro procura questionar conceitos e comportamentos dos cidadãos e principalmente das autoridades através de intervenções que carregam em sua maioria frases de impacto inspiradas no contexto local.

A preservação do meio ambiente e os direitos humanos universais são a base de seu ativismo que transcende as tintas.

Mundano é Ashoka, Amaphiko e TED Fellow, fundador da ONG Pimp My Carroça, criador do app Cataki, e premiado nas áreas de artes públicas, direitos humanos, criatividade e inovação digital.

Ao longo dos anos adotou como missão de vida criar um legado ambiental e social através de seu trabalho. Para cumprir esse desafio nos últimos 12 anos fez intervenções, exposições e palestras por mais de 40 cidades do Brasil e do mundo.

OZI

Ozi é paulistano e faz parte da primeira geração do Graffiti brasileiro, quando iniciou suas primeiras intervenções urbanas com Alex Vallauri, Carlos Matuck, Waldemar Zaidler, John Howard e Maurício Villaça. Desde então, vem desenvolvendo sua pesquisa sobre a técnica de stencil, criando a suas obras a partir de uma estética pop.

Ozi viveu na época em que a repressão sufocava, segundo ele mesmo, fugir da polícia e das bombas de gás era costumeiro. “Lembro-me de que o Alex Vallauri escrevia ‘Diretas já’ e o Maurício Villaça chegou a pintar uma Salomé dançando com a cabeça do Sarney em suas mãos. O pensamento geral era que qualquer pessoa ligada à arte era subversiva ou comunista”, revela o artista. Ozi aprendeu a fazer stencil com Villaça, que o instruiu tecnicamente como recortar as máscaras. Em 1985, registrou na rua a sua primeira arte com stencil, técnica que acabou se tornando a sua marca registrada durante toda carreira artística.

Ozi Rebobinado foi a sua primeira exposição individual, que foi realizada durante o Parede - Festival Internacional de Pôster Arte do Rio de Janeiro, no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), em 2010. A sua primeira individual em São Paulo foi a Ozi - Pop up Show, na galeria A7MA, em 2015. Com esta mostra retrospectiva alusiva aos seus trinta anos de Graffiti, o artista apresenta um acervo considerável de suas obras e matrizes, documentos pessoais, fotografias e depoimentos de artistas contemporâneos seus e de novas gerações.

PABLO VIEIRA

Artista nascido em 1989, formado Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo. Pesquisa as implicações culturais incutidas no ato laboral, bem como no próprio trabalhador, produtor de capital simbólico. Em sua produção utiliza de inputs cotidianos, gerados pela vida na metrópole, pela religiosidade e pelo estudo da natureza como disparadores para propor um mesmo olhar sobre a subjetividade daquele que produz para o consumo (artista, artesão, operário). Desde 2012 membro integrante da dupla de artistas associação massa falida, grupo com o qual participou do programa de residência Internacional 2016 J.A.C.A (Nova Lima, MG - JA.CA), Programa de Residência Artística Tofiq House 2015 (São Paulo, SP - Tofiq House) e da 7 edição da Red Bull House of Art em 2014(São Paulo, SP - Red Bull Station).

PATY BONANI

Nasceu e cresceu em São Paulo.

A cidade, o feminismo, a natureza e a literatura brasileiras são grandes referências para o seu trabalho. Busca inspiração nas diversas formas de sobrevivência nessa sociedade urbana.

Defensora da ocupação do espaço público com arte, acredita no papel da cultura como um forte agente de transformação social.

Formada em Artes Plásticas em 2004, pesquisa a aplicação do desenho e da pintura em diferentes linguagens como parede, papel, tecido e vídeo. A partir de 2017, focou sua criação na arte urbana com pinturas sobre muros, colagem de lambe-lambes, projeções audiovisuais e oficinas de criação artística. Pintou cerca de 50 murais na capital paulista e participou de algumas exposições como: III Salão de Animação – XXIV Festival de Cine de Bogotá (Colômbia); III Tudo sobre Mulheres – Festival de Cinema Feminino da Chapada dos Guimarães (Mato Grosso); FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (Rio de Janeiro e São Paulo); Bienal do Recôncavo (Bahia); XXXVI Anual de Artes da FAAP (São Paulo); 5º. Salão de Artes do Sesc Amapá e VIII Encontro de Artes Plásticas de Atibaia (São Paulo).

PAULESTINOS

Colaborativo artístico e agregador cultural: assim se define o duo formado pelos artistas multimídia Átila Fragozo e Renoir Santos. Quase sempre com-pondo com outros coletivos, o Paulestinos são peregrinos que levam poesia visual em seus caminhos pelas cidades - principalmente São Paulo. São pioneiros do “lambe-lambe digital”, processo que une a colagem de cartazes com recursos de realidade ampliada. Seus roteiros seguem os fluxos de pessoas que precisam, querem ou podem se surpreender com a poesia em seu estado mais urgente. Poesia que fala de palavras comuns e que destaca do comum o que seria banal se não fosse poético. Entre jogos de palavras os Paulestinos se jogam no caótico urbano para tentar ordenar os cacos que vão sobrando pelo caminho e remontar alguma lógica do afeto que estava por ali.

PAULO PEREIRA

Fotógrafo. Osasco, SP. 41 anos.

Paulo Pereira vive do que vê. Reside em São Paulo. Optou por caminhar de óculos escuros e fone de ouvido com uma boa trilha, assim pode passar um tanto despercebido dos excessos da cidade...ah! e agora também de máscara. De quebra, olha pro mundo e dá-se ao luxo de pensar na vida.

É o pai do Chico e gosta de gato.

Busca universos distintos, ser link entre aqui e acolá, ser ele, ser tantos, gosta de ver outros e mais ainda de mostrá-los!

PRI BARBOSA

Priscila Barbosa, 30 anos, é artista visual, muralista e ilustradora paulistana. É graduada em Artes Visuais pelas Belas Artes e possui extensões em Masculinidades contemporâneas, feminismo Pós-colonial na América Latina e O Estado e o Corpo, todos pela PUC-SP.

Desenvolve um trabalho que investiga diferentes corpos de mulheres, propondo percepções críticas sobre padrões estéticos e comportamentais vigentes como estratégia de enfrentamento e questionamento das relações de poder.

Através da reflexão sobre si mesma e sobre as relações com outras mulheres, sua pesquisa tem como foco as vivências de lutas latinoamericanas. Utiliza referências de poses e cenas da arte clássica europeia como ponto de questionamento dos papéis impostos para as mulheres ao longo da história da arte. Reivindica, então, o reconhecimento das mulheres como seres intelectuais, autoras, artistas e conseqüentemente, agentes diretas de mudanças culturais, sociais e políticas.

Reconhecimento que passa também pela valorização de tradições ancestrais, representadas pelos elementos botânicos e anatômicos em registros sensíveis de corpos com potencial poético, afetivo e revolucionário.

RAPHAEL ESCOBAR

Raphael Escobar, formado em artes visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e pós graduando em Estudos Brasileiros: sociedade, educação e cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política.

Desde 2008 atua com educação não formal em contextos de vulnerabilidade social ou de disputas políticas, como Fundação CASA, Cracolândia e Albergues. A atuação nesses contextos servem como pesquisa e muitas vezes ativação do trabalho que desenvolve.

Sua pesquisa é pautada pelas relações de classe, pretendendo dissolver uma lógica moral da sociedade em relação aos moradores de rua, usuários de drogas e grupos periféricos. Deste modo, usa das instituições e do seu trabalho como ferramenta de fomento e educação, mediando os espaços de dentro e fora do circuito. Como ativadores dessa mediação, usa de estratégias educativas, substâncias psicoativas e ações de um cotidiano cultural invisibilizado e/ou marginalizado.

RENATA FILINTO

Doutora e Mestre em artes visuais pelo Instituto de artes da UNESP é especialista em Curadoria e Educação em Museus de Arte pelo Museu de Arte Contemporânea da USP. Artista Visual e professora adjunta da URCA/CE, na qual compôs o Comitê de Pesquisa Científica, foi coordenadora do Curso de Artes Visuais e do subprojeto PIBID do mesmo curso e coordena o Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns Internacionais Gerados na Arte. Trabalhou na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Instituto Itaú Cultural, Centro Cultural São Paulo, SESC, SESI/FIESP, entre outros locais. Compôs o conselho editorial da revista O Menelick 2º ato e é membro do Comitê Científico do Congresso das CSO da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Coordenou o Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil. Recentemente participou das exposições FIAC/França (2017); Negros Indícios, na Caixa Cultural/SP (2017); Diálogos Ausentes, no Itaú Cultural/ SP e no Galpão Bela Maré/RJ (2019/2017); Histórias Afro-Atlânticas, no Instituto Tomie Ohtake/MASP (2018); artista convidada do 29º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo; 12º Bienal do Mercosul (2020). Indicada ao Prêmio PIPA em 2020, dentre outras participações não menos relevantes. A arte produzida por mulheres e homens de ascendência negro-africana tem sido o tema principal de sua pesquisa acadêmica com ênfase no fazer feminino e nas narrativas sobre essas pessoas criativas-criadoras. A pesquisa acadêmica reverbera de muitas formas em sua produção de artes visuais.

FELIPE RISADA

Felipe RISADA nasceu na capital paulista onde vive e trabalha.

Formado em Design Gráfico pela Belas Artes (SP) tem se dedicado a criar um repertório iconográfico próprio através do graffiti.

É um dos fundadores da Crew Rolinho Bros dedicado ao graffiti com rolinho de pintura e do OS+CHAVE coletivo construtor de Freakbiks - bicicletas não convencionais criadas a partir de carcaças de outras biks.

Suas mais recentes exposições: Sentido Proibido - Matilha Cultural, A Carranca e o Dragão - Ateliê Galeria Priscila Manieri e Cordel Urbano - Galeria Blaze Supply, todos na cidade de São Paulo.

RISADA desenvolveu a habilidade em desenhar com o rolinho de pintura e o faz sem precisar de outras ferramentas para realizar acabamentos como quinas e linhas mais finas. Sua formação com certeza o ajudou a elaborar seu estilo no trabalho de linhas e planos e alto contraste. Esta iconografia permite que ele veicule seus trabalhos comissionados para instituições ou empresas.

SATO

é fotógrafo, jornalista, arte educador, diretor de arte, designer gráfico, cineasta e sushiman. Integrante dos coletivos casadalapa, Frente 3 de Fevereiro, Ocupe a Mídia, Aparentamento, Condomínio Cultural e Jornalistas Livres. Pela Frente 3 de Fevereiro, participou da trilogia “Zumbi Somos Nós”, participando de exposições em Cuba, Argentina, EUA, Equador, Colômbia, Alemanha e África do Sul. Pela casadalapa participou da criação e produção dos projetos Leopoldinas, Verdim, Enquadro 1, 2, 3, Enquadro 5x5, CasaRodante, Vidas em Obras, Natureza Marginal e CasaLatina. Participou de várias exposições coletivas na Funarte, Galeria Gravura Brasileira, Galeria Marta Traba, Galeria Virgílio, Barco, Condomínio Cultural e casadalapa. Como arte-educador, participou de projetos com o Lab Experimental, Hub Livre, LabMóvel, CoCidade, UNE, UJS. Também é editor da rede de jornalismo colaborativo Jornalistas Livres. Com o Aparentamento, faz várias ações junto à Ocupação 9 de Julho, do MSTC. Prepara seu primeiro documentário como co-diretor, junto a Bruno Miranda e Ana Flavia Cavalcanti, “Jéssicas”, sobre a primeira geração de mulheres da própria família a entrar no ensino superior. Trabalha como doctoring da série de ativismo “Causando na Rua”, dirigido por Tata Amaral. Nasceu no Rio de Janeiro para lá do túnel e cresceu na ZN de São Paulo, onde a cidade acaba. Hoje vive na rua e no mundo.

SEU YORI

Artista de calçada, morador do território, já participou do Programa Braços Abertos e usa tacos, e madeira para piso como superfície de seus trabalhos. Yori usa tinta, caneta, giz e até pasta de dente para construir suas paisagens quase abstratas mas que vão mostrando diversas imagens dependendo do ângulo.

SOL CASAL

Nascida na Argentina, Buenos Aires (1984) atualmente vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008).

As pesquisas empreendidas pela artista tem permeado as linguagens da fotografia, performance, vídeo e instalação, utilizando elementos e símbolos retirados do imaginário místico e religioso, associados muitas vezes as tradições populares do fazer manual (como tricô, costura, renda, bordado) tomando como objeto de investigação o seu próprio corpo para discutir as relações de representação e apresentação do corpo feminino na contemporaneidade.

Entre as exposições que participou as que se destacam são: Festival de Performance La Plataformance, Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2016; Presença Permeável, Praça das Artes, 2016; SAC48 Salão de Arte Contemporânea, Piracicaba SP, 2016; Não há perguntas para todas as respostas, Sesc Jundiaí, 2018; Que Barra, Ateliê 397, 2018 e da Bienal das Artes do Sesc DF, 2018.

E em 2019 realizou a sua primeira exposição individual em São Paulo intitulada CÉUS CRUZADOS no Ateliê 397 com curadoria da Carollina Lauriano e Thais Rivitti; participou também da residência Pivô Arte e Pesquisa.

Seu trabalho compõem os acervos das instituições, Fundação Vera Chaves Barcellos, MAC-RS/Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul e Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília – CAL/UnB.

ZITO

Nascido em Cotia-SP, Raul Zito é artista visual e músico. Vem produzindo arte pública desde 1997, atualmente denominando o que faz de “fotografia expandida”. Cria murais de intervenção urbana com técnicas híbridas de colagem e pintura, confrontando o realismo intrínseco à fotografia e a capacidade gestual da pintura. Suas pesquisas fluem por meio das manifestações originárias e das ininterruptas formas de resistência no eixo África - América Latina, relacionando arte/magia, cultura/natureza e os embates aos dispositivos de controle social e de poder, buscando as utopias para a coexistência dos povos.

Nos últimos 22 anos desenvolveu trabalhos de rua em diversos estados brasileiros. Em 2017 realizou duas residências artísticas e diversos murais nos EUA (NYC e Navajo Nation). Em 2018, esteve por 2 meses em residência na Cidade do México, de onde nasceu o projeto Gèlède - PanAfroAmerica, em parceria com a mexicana Toztli, e que vem se desdobrando por outros países do continente e também na Índia. Em 2019 realizou uma exposição individual em Lisboa, além de murais (novamente) no México e EUA.

Como músico, fundou algumas rodas de samba em São Paulo e projetos intermitentes de arte sonora e também criou sonorizações ao vivo para peças teatrais e cinema.

Como arte-educador tem ministrado oficinas de fotografia, intervenção urbana, arte sonora e integração destas linguagens.